DEUS FORA DO CENTRO

Vozes e caminhos das teologias do Sul global

Regina Fernandes

SABER CRIATIVO

Digo Escola do Sul porque, na realidade, o nosso norte é o Sul. Não deve haver norte para nós, a não ser por oposição ao nosso Sul. Por isso agora colocamos o mapa ao contrário, e assim temos uma justa ideia de nossa posição, e não como querem no resto do mundo. A ponta da América, a partir de agora, prolongando-se, aponta insistentemente para o Sul, o nosso norte.

Torres Garcia

[...] ao contrário, deem glória a Cristo, o Senhor, e estejam sempre dispostos a dar razão de sua esperança a todo o que pedir a vocês explicação. Faça-o, por outro lado, com humildade e respeito, como quem tem limpa a sua consciência.

I Pedro 3.15
Bíblia de América

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO, 11

O que é Teologia?, 15
De(s)colonizar é preciso, 29
Epistemologias, 39
Tratando da questão hermenêutica, 55
Lendo a Bíblia desde o Sul, 73
Fazendo Teologia abaixo da linha (do Norte global), 85
Teologias Sul-globais são teologias contemporâneas, 93
Lugares e não-lugares da Teologia, 121

CONCLUSÃO 129
BIBLIOGRAFIA 131

INTRODUÇÃO

Certa vez, naquelas conversas de corredor de Igreja após o final do culto, uma irmã me perguntou se Deus cuida de todas as pessoas da mesma maneira. Ao responder que sim, ela disse que não acreditava nisso, pois achava que Ele cuidava melhor de algumas pessoas do que de outras. Tentei argumentar a favor de Deus, defendê-lo, embora eu mesma já tivesse me questionado sobre esse assunto tão antigo: por que algumas pessoas parecem ser mais felizes e se saírem melhores na vida do que outras? Voltei para casa pensando na questão que aquela irmã colocou, e no atrevimento dela em questionar a justiça divina sem parecer sentir-se culpada por ter dúvidas acerca disso.

Esse episódio me fez refletir sobre, primeiramente, como fazemos teologia hoje, em um esforço de defender Deus a todo custo com nossos argumentos, conceitos e elaborações teóricas, como se ele necessitasse dessa ação defensiva e apologética de nossa parte, e como se isso resumisse o fazer teológico. Em segundo lugar, o quanto somos tímidos, ou intimidados, em relação a uma teologia que brota das mais sinceras e profundas inquietações humanas, a partir de nossas vivências, das nossas dúvidas, dos nossos medos e indignações. Aprendemos que a fé é um lugar de certezas e nunca de dúvidas, que onde há dúvidas não há fé. Mas será que a Teologia não é justamente a ciência da dúvida? Será que ela não tem sido aquele esforço humano de "provar" algo sobre Deus? Antes de fazer teologia para outros o teólogo ou a teóloga faz teologia para si mesmo (a), a fim de tornar claro certo conhecimento sobre o qual busca certezas. Ainda assim a teologia é a inteligência da fé, mas de uma fé que não se baseia nas certezas, mas na busca dela. A única certeza que se tem e que sustenta a fé é do amor de Deus e do amor a Deus. Isso basta para provocar o fazer teológico.

A pergunta de Jesus aos discípulos em Mateus 16:15 "E vocês, quem vocês dizem que eu sou?", diante do que as multidões diziam sobre ele, é muito importante para pensar sobre isso, pois visava permitir a eles que abrissem seus corações expondo suas dúvidas e incertezas. Quando Pedro respondeu afirmando que ele era o Messias, o próprio Jesus disse que esse conhecimento não poderia ser fruto de simples elaborações de Pedro, mas de revelação divina. Embora nossa teologia também possua como base do conhecimento a revelação divina, ela é esforço humano, carregada de nossos sentimentos, vivências e incertezas nas quais Deus se faz conhecer.

Isso nos encaminha para um tema que raramente tocamos: como fazemos teologia. À primeira vista, pode parecer que existe apenas um modo de se fazer teologia, já dado pelas teologias que herdamos e continuamos recebendo como um pacote nas igrejas, instituições de educação teológica, livros e da tradição missionária. Isso ocorre, sobretudo, no contexto do cristianismo do Sul-global, que herdou não apenas teologias no processo das evangelizações colonizadoras, mas também a dependência delas e dos seus métodos. Reproduzimos as fórmulas dessas teologias em trabalhos acadêmicos, análises bíblicas, pregações e ensinos eclesiais, sem questionar se são adequadas ou não aos nossos contextos, principalmente para a orientação da práxis da fé. A antiga fórmula da teologia tradicional, de modo simples: análise bíblica (exegética) seguida de uma análise sistemática (histórica e filosófica) e aplicação prática, não corresponde mais às epistemologias do Sul-global, que propõe não somente o diálogo com saberes locais, mas novas mediações teóricas e um movimento mais circular de construção do conhecimento, com ênfase na compreensão da realidade, a fim de que a teologia seja relevante a ela.

As teologias do Sul-global surgiram da crítica à essas dependências diversas, entre elas, teológica, e resultaram em uma virada epistemológica, que priorizou as formas de saber desta parte do mundo, procurando validá-las desde um esforço descolonial. Foram vários os questionamentos e proposições, tanto acerca do lugar do contexto na teologia, das leituras da Bíblia, sobre a revisitação

à história cristã e ao seu pensamento, e acerca de uma nova práxis teológica e cristã. Esse movimento teológico não é isolado, mas corresponde aos modos de conhecimento dessa parte do mundo e os integram. Tais teologias são consideradas insurgentes, pois nascem da crítica histórica aos colonialismos, às dominações, ao patriarcado e a todas as demais formas de controle social e religioso que marcaram o cristianismo ao longo de sua história. São chamadas também de contextuais, pois assumem seu lugar teologal, que são os diversos contextos que representam.

Por Sul-global, que estamos chamando no título desta obra de Sul do mundo, entendemos, em termos geopolíticos e socioeconômicos, os países situados, em sua maioria, no hemisfério sul, que compartilham a experiência histórica da colonização e os danos estruturais por ela causados. O conceito abrange, preferencialmente, as regiões da América Latina, África, Sudeste Asiático e Caribe. Mais do que uma localização geográfica, trata-se de uma distinção no campo do discurso e da análise sócio-histórica.

Para argumentar sobre a legitimidade dessas novas maneiras de fazer teologia e suas validações, é necessário considerar a questão epistemológica, ou seja, refletir sobre como conhecemos desse "lado de cá do mundo", inclusive no campo teológico, ou do conhecimento da fé. Essa reflexão somente é possível porque as formas de conhecimento humano são tão diversas quanto a própria humanidade, e marcadas pela pluralidade do mundo em que vivemos.

Também é preciso reconhecer que houve na América Latina colonizações não apenas do poder, mas também do saber, como apontaram Aníbal Quijano e os teóricos da decolonialidade. Entre as colonizações do saber está a teológica, que até hoje dificultam, quando não impedem, saberes da fé regionais. Elas demarcaram profundamente a educação teológica até os dias atuais, determinando seus métodos e conteúdos de ensino. Isso faz com que qualquer proposta de libertação da Teologia e da sua educação passe necessariamente por discussões epistemológicas. Todavia, libertar os modos próprios de se "fazer conhecimento" no Sul-global requer a validação interna dessas diversas

formas de conhecer, de compreender o mundo e de construir saberes. Não há novas teologias sem novos modos de se fazê-las, de igual forma, sem que se reconheça como válidas.

É sobre isso que tratamos neste livro: o saber teológico e suas expressões do Sul-global. Partimos da pergunta sobre o que é Teologia, agora sob esse ponto de vista do Sul do mundo e suas particularidades. No segundo capítulo, abordamos de forma mais prática questões epistemológicas, incluindo as possibilidades da epistemologia teológica. Dando sequência à discussão, destacamos a importância da liberdade teológica, que passa pelo seu modo de saber e de fazer, tanto quanto de suas próprias validações. No quinto capítulo, propomos a discussão sobre o fazer teológico do Sul-global e encerramos com a problematização dos diversos lugares da Teologia.

A obra busca apresentar, de maneira crítica, o que é teologia, com o objetivo de demonstrar que aquilo que estamos produzindo deste lado do globo é legítimo, relevante e contribui para a definição da Teologia contemporânea e para a renovação do fazer teológico global.

O QUE É TEOLOGIA?

Teologia é um esforço humano. Embora essa afirmação pareça óbvia, é essencial que seja constantemente lembrada: a teologia resulta do empenho humano de refletir sobre Deus em relação aos diversos aspectos da realidade. Pensamos sobre Deus para lidar com nossas incertezas, com o mundo e com a vida, o que inclui as questões suscitadas pelos espaços que ocupamos e pelo tempo em que vivemos. Mesmo quando tratamos da transcendência humana em relação a Deus, é preciso assumir que ela somente é possível a partir de lugares de nossas vivências. Outro ponto importante é que a transcendência humana não envolve apenas a relação vertical, voltada para o divino, mas também as relações horizontais, direcionadas ao outro (humanidade, natureza, mundo), consistindo em um sair de nós mesmos para uma abertura ao que está diante de nós (mesmo que virtualmente). Tudo isso representa mais do que apenas o objeto da Teologia; trata-se do seu terreno, onde é fertilizada e de onde germina. Voltando para a história que contamos na introdução, a teologia deve brotar de perguntas que suscitam das vivências e nos trazem inquietações sobre Deus e a fé.

PODEMOS PERGUNTAR SOBRE DEUS

Retomando o texto de Mateus 16.13-20, no qual Jesus perguntou aos discípulos sobre o que as pessoas pensavam a respeito dele, quem ele era. Eles responderam dizendo que as pessoas o associavam aos profetas. Em seguida, Jesus direcionou a pergunta a eles: "E vós, quem dizeis que eu sou?" Pedro respondeu: "Tu és o Messias, o Filho do Deus vivo." Jesus então explicou que o conhecimento dessa afirmação havia sido revelado por Deus, pois não poderia ser fruto de